

## RESENHA

# ***“Eis o mundo encantado que Monteiro Lobato criou”*: raça, eugenia e nação, de Paula Arantes Botelho Briglia Habib (Curitiba: Appris, 2023)**

Ana Cristina S. M. Rocha | Casa de Oswaldo Cruz – Fiocruz

[anasmrocha@gmail.com](mailto:anasmrocha@gmail.com)

<https://orcid.org/0000-0001-5718-1293>



*Eis o mundo que Monteiro Lobato criou* é resultado da pesquisa de mestrado de Paula Habib, realizada na Unicamp e concluída em 2003. A autora ressalta que não fez grandes atualizações no conteúdo do trabalho para a publicação em livro, decisão tomada considerando que as questões ali discutidas continuam relevantes, mesmo 20 anos depois. Não só a publicação de seu trabalho em livro como também a análise desenvolvida pela autora sinaliza porque Paula Habib continua sendo referência importante para os estudos que procuram investigar a História da eugenia no Brasil, assim como o pensamento de Monteiro Lobato. De certo modo, seu livro nos mostra a importância dos trabalhos históricos que estão conectados a questões contemporâneas, mas que nem por isso deixam de fazer uma análise aprofundada e cuidadosa de seus temas. Estes, como mostra o trabalho de Habib, resistem ao tempo.

O prefácio de Maria Clementina Pereira Cunha, que orientou o trabalho original, contextualiza parte das polêmicas que se desenrolaram em torno da figura de Monteiro Lobato e sua obra. Elas incluem o debate público em torno da recomendação do Conselho Nacional de Educação de suspender um dos livros do autor, *Caçadas de Pedrinho*, da lista de compras do “Programa Nacional Biblioteca na Escola” no ano de 2010 (cf. Parecer CNE/CEB nº6/2011; Leal e Silva, 2022.), período portanto posterior à escrita do trabalho original. Indo além do debate sobre as obras de Lobato dedicadas ao público infantil, Cunha ressalta a contribuição do trabalho

de Paula Habib para uma compreensão mais ampla da relação do autor com a eugenia e a dimensão racista de seu pensamento.

Nesse sentido, a autora vai além do "mundo encantado" mais comumente conhecido de Monteiro Lobato, que tem no *Sítio do Pica-Pau-Amarelo* uma de suas marcas. Sem se centrar numa análise interna da obra do autor, as publicações de Lobato são exploradas em uma perspectiva que considera os diálogos que desenvolveu com outros intelectuais de seu tempo, a partir da dimensão pública de seus outros escritos e da dimensão privada de suas ideias, registradas em suas correspondências. O resultado é uma visão que complexifica o debate de sua obra e de sua trajetória, reconhecendo e mergulhando nas contradições e frustrações deste intelectual.

O primeiro capítulo trabalha as conexões de Lobato com o movimento sanitário das primeiras décadas do século XX e explora as transformações do personagem Jeca Tatu, que foram fruto do diálogo de Lobato com este movimento. Aqui, Paula Habib também analisa as afinidades das ideias de Lobato com o movimento eugenista brasileiro e sua proximidade com um de seus principais expoentes, Renato Kehl. Assim, sinaliza as interseções dos discursos higienistas com a eugenia, tema que será mais bem explorado no capítulo seguinte.

O segundo capítulo analisa a participação de Monteiro Lobato no movimento eugenista, assim como o enredo de *O choque das raças*, cujos capítulos foram publicados nas páginas do jornal carioca *A manhã* em 1926. Ali a autora explora temas centrais na discussão da eugenia no Brasil: o combate ao alcoolismo, a seleção dos imigrantes, a questão da miscigenação e a defesa de políticas de esterilização. Para isso, Habib articula com grande habilidade contexto de publicação e conteúdo do livro, dialogando com a bibliografia sobre o autor e fundamentando-se numa série de fontes primárias que incluem jornais, correspondências e livros publicados por Renato Kehl.

É neste capítulo que encontramos a menção de Habib à carta que Monteiro Lobato escreve a Arthur Neiva em 1928, descrevendo o Brasil como "um país de mestiços onde o branco não tem força para organizar uma Kux-Klan" (p. 138) e lamentando a ausência de uma ordem que mantivesse "o negro em seu lugar" (p. 139), o que sinaliza com clareza a visão de Lobato sobre a questão racial no Brasil. De acordo com Rhaiane Leal e André Silva (2022, p. 516), a correspondência entre Neiva e Lobato já havia sido explorada por Cassiano Nunes na década de 1980, mas foi o trabalho de Habib que publicizou o trecho que hoje é "repetidamente reproduzido e comentado".

O terceiro capítulo, "A eugenia no Sítio de D. Benta", trabalha com os livros de Lobato voltados ao público infantil. Ao longo dos anos, muito se discutiu sobre a obra infantil de Lobato, seus possíveis usos, e até mesmo a possibilidade de suprimir ou corrigir trechos das histórias originais, de modo a não perpetuar os discursos racistas, aliás muito típicos da sociedade na qual esses mesmos discursos foram gestados. Mas não estamos no terreno por vezes árido da primeira metade do século XX, em que o mercado literário voltado ao público infantil ainda se construía, como mostram autoras como Gabriela Soares e Patrícia Raffaini (Soares, 2002; Soares e Raffaini, 2022). Mesmo naquela época, as autoras destacam que "ao contrário do que aponta parte da bibliografia sobre a História do Livro e da Leitura na infância em nosso país, o cenário não era assim tão desolador" (Soares e Raffaini, 2022, p. 12). De todo modo, hoje, a intensa produção literária voltada a este mesmo público, sensível às questões do nosso tempo, oferece tanto às escolas quanto às famílias inúmeras histórias cativantes com ilustrações incríveis, ainda que sem a nostalgia que acompanha muitos dos leitores de Lobato. Não acho, no entanto, que isso torna a análise de sua obra desnecessária.

Como historiadora, espero que um dia todos possamos olhar para estas histórias entendendo como a ficção se mistura às convicções do seu tempo, e de cada autor em particular; explorando como as filiações não são inevitáveis, mas fazem parte de escolhas possíveis; e por fim, compreendendo como a literatura é também mais do que uma janela para outros mundos em meio à tensão da existência. Nesse sentido, o exercício de análise que Paula Habib desenvolve no capítulo “A Eugenia no Sítio de D. Benta” é de fundamental importância para entender as sutilezas de um processo que conseguiu ao mesmo tempo incorporar e discriminar parte de sua população, construindo categorias que colocam em oposição folclore e cultura, oralidade e civilização. Nos livros, essas oposições se materializam nas posições que ocupam Tia Nastácia e Dona Benta, exploradas por Habib. É também ali que se consolidam imaginários de pureza associados a uma Grécia mítica, numa operação eficiente porque ainda evocada, depois de tantos anos e de tanto debate.

Deste modo, a literatura também pode fazer parte de um projeto mais amplo, como defende Paula Habib sobre Monteiro Lobato ao longo do seu livro. Neste caso, um projeto pedagógico, em que a “literatura é tomada como veículo privilegiado de divulgação de ideias políticas e sociais” (p. 28). Para Habib, assim como o *Choque das Raças* serviu a um projeto de divulgação de ideias eugenistas, “nos livros do Sítio do Pica-Pau-Amarelo essas ideias foram desenvolvidas e ensinadas de maneira implícita, gradual, articulada e constante” (p. 144). É neste sentido que a figura de Emília como “torneirinha de asneiras” é explorada como recurso narrativo, de onde sai a maior parte das falas explicitamente racistas das histórias de Lobato (p. 146 e 183).

Por fim, eu diria que, sem um exercício analítico sério como o que faz Habib em seu livro, não é possível compreender plenamente este processo em que as narrativas se articulam a convicções que circulam e são discutidas não apenas na esfera privada – como no caso da carta de Lobato à Neiva –, mas também nas histórias que permeiam o nosso imaginário, a exemplo do que a autora aponta na obra do Sítio.

### **Referências bibliográficas**

- LEAL, Rhaiane G., SILVA, André F. O racismo em “Mangas de Camisa”: a questão racial na correspondência de Monteiro Lobato com Arthur Neiva (1918-1942). *Fênix*, 19(1), 2022, pp. 514-548. <https://doi.org/10.35355/revistafenix.v19i1.1024>
- Parecer CNE/CEB nº6/2011. disponível em: [http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=8180-pceb006-11-pdf&category\\_slug=junho-2011-pdf&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=8180-pceb006-11-pdf&category_slug=junho-2011-pdf&Itemid=30192)  
Acesso em: 12/07/2023.
- SOARES, Gabriela Pellegrino. *A semear horizontes: leituras literárias na formação da infância, Argentina e Brasil* (1915-1954). 2002. Tese (Doutorado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002. doi:10.11606/T.8.2002.tde-06062003-191230.
- SOARES, G. P.; RAFFAINI, P. T. (Orgs.). *Livros infantis velhos e esquecidos*. São Paulo: Publicações BBM, 2022.

Recebido e aceito em novembro de 2023